

# VARIAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA E AGRUPAMENTO LEXICAL DO ITEM CAMBALHOTA NO ATLAS LÉXICO-SONORO DO PARÁ (ALESPA)

Abdelhak Razky

UnB/UFPA

Diego Coimbra\*

Eliane Costa\*\*

**Resumo:** Neste estudo, um levantamento das variantes de cambalhota utilizadas no estado do Pará foi feito com o objetivo de analisá-las sob as perspectivas geossociolinguística (RAZKY, 2004; 2010a) e de agrupamento lexical (RAZKY, 2013; RAZKY; GUEDES, 2015 e RAZKY; SANCHES, 2016). Os dados analisados pertencem ao banco de dados do projeto Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA) e dizem respeito a 18 localidades, nas quais foram entrevistados, em cada uma, 4 informantes, estratificados em idade (18-30 anos e 40-70 anos) e sexo (masculino e feminino), de escolaridade de até 4ª série do ensino fundamental. Os resultados apontam para uma variabilidade pouco expressiva com relação aos fatores diageracional e diagenérico, ao passo que o fator diatópico influenciou na escolha lexical e possibilitou a visualização de agrupamentos lexicais em distintos pontos do território paraense.

**Abstract:** This paper focuses on the analysis of the lexical variants of cambalhota from a survey conducted in the state of Pará and based on geo-sociolinguistic perspectives (RAZKY, 2004; 2010a), and lexical groupings (RAZKY, 2013; RAZKY; GUEDES, 2015 and RAZKY; SANCHES, 2016). The data is part of the project Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). It refers to interviews of four informants in each of the 18 localities selected for this purpose. The informants are stratified by age (18-30 years old and 40-70 years old), sex (masculine and feminine), and a school level up to 4<sup>th</sup> grade of elementary school. The results point to a low variability in relation to the diagerational and diagenetic factors, whereas the diatopic

*factor influences the lexical choice and allows the visualization of lexical groupings in different points of the Pará State.*

## **Introdução**

No contexto de desenvolvimento de quatro grandes áreas da Linguística no Brasil, Dialetologia, Geografia Linguística, Terminologia e Socioterminologia, o projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA) já assegurava a descrição e a documentação da variedade paraense do português brasileiro nos diversos níveis linguísticos, com o desenvolvimento de pesquisa *in loco* e a publicação dos dados coletados por meio de trabalhos como, por exemplo, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (RAZKY, 2004) e o dicionário *Os termos da Meliponicultura: uma abordagem socioterminológica* (BORGES, 2011).

No nível lexical, paralelamente às pesquisas que se debruçam sobre o léxico particular de atividades culturais de grande relevância socioeconômica para o estado do Pará, vem se desenvolvendo o projeto Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA), o qual busca descrever e documentar o léxico do português paraense dentro de uma perspectiva que tende “a considerar o processo de mudança em curso a favor de uma variação lexical não estável por conta da atuação de fatores de ordem diagenérica e diageracional nele considerados” (RAZKY et al., 2016, p. 59). Assim, esse atlas garantirá o registro da riqueza lexical do português paraense, uma vez que sua rede de pontos atende à ideia da representatividade geográfica, ao abranger as seis mesorregiões que constituem o estado do Pará, bem como contribuirá para a compreensão de fenômenos decorrentes da distribuição espacial e social das variantes lexicais paraenses.

Em consonância com o ALeSPA, este trabalho investigou a variação do item lexical *cambalhota*, referente à questão 208 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiPA, em 18 localidades do estado do Pará, sob uma abordagem geossociolinguística (RAZKY, 2004, 2010a) e de agrupamentos lexicais (RAZKY, 2013; RAZKY e GUEDES, 2015 e RAZKY e SANCHES, 2016). Os dados mostram que os fatores sociais pouco influenciam no uso das variantes, enquanto o fator espacial é preponderante e corrobora a noção de agrupamento lexical.

Com base nessa proposta de estudo, este artigo estrutura-se em 5 seções: a primeira diz respeito à apresentação geral do estudo aqui proposto; a segunda refere-se à discussão dos conceitos de geossociolinguística e agrupamento lexical; a terceira concerne às informações a respeito de brincadeiras infantis e vivência social; a quarta reporta-se à metodologia desenvolvida e, por fim, a quinta destina-se à apresentação dos resultados encontrados, seguidos das considerações finais.

## **1. A geossociolinguística e a noção de agrupamento lexical**

A literatura apresenta, atualmente, uma diversidade de termos para designar o estudo da variação espacial (diatópica) e social (diastrática) da língua, em todos os níveis conceptuais. Essa variedade é natural e decorrente do fato de “os estudiosos do fenômeno linguístico, como homens do seu tempo, assumirem posturas teóricas em consonância com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos”, de modo que “as teorias da linguagem, do passado ou atuais, sempre refletem concepções particulares do fenômeno linguístico e compreensões distintas do papel deste na vida social (ALKMIM 2007, p. 23).

É nesse sentido que acabam emergindo conceitos como geossociolinguística (RAZKY, 2004, 2010a), Dialetoleologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998b; THUN, 2010), Geolinguística (TRUDGILL, 1999; CARDOSO, 2010), entre muitos outros, decorrentes de percepções que abrangem o lado social da linguagem com todo aparato teórico da Sociolinguística, disciplina que engloba um grande número de temas.

Essas perspectivas teóricas contemplam perfeitamente o estudo aqui proposto, uma vez que tratam os fenômenos linguísticos relacionando-os aos fatores sociais, cada uma dentro de suas considerações e limitações. Contudo, nos deteremos no conceito de geossociolinguística e, dentro deste, no de agrupamento lexical.

O termo geossociolinguística surgiu consoante à ideia de se analisar a língua numa perspectiva plural e, neste sentido, Razky (2004) afirma que, “com o desenvolvimento da geossociolinguística, a análise de dados variacionistas se tornou mais complexa”, podendo haver o “cruzamento de dados na mesma localidade e entre localidades” e que esta abordagem “é necessária para compensar os

limites de cada uma das duas disciplinas: a Sociolinguística cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se preocupa com aspecto social com estratificação social mínima” (RAZKY, 2010a, p. 172).

Sob esse ponto de vista, e também observando a movimentação da variação linguística, sobretudo, a de natureza lexical, o conceito de isoglossa também foi repensado. Sobre o exposto, Razky e Sanches (2016, p. 74) esclarecem que a cartografia de dados lexicais

começa a revelar uma diversidade lexical no mesmo espaço físico, apesar de ainda se manterem configurações de uma identidade local ou regional que passa a ser vista em termos estatísticos para estabelecer tendências e não características de identidades fixas.

Segundo Razky (2013, p. 263),

O conceito de agrupamento lexical vem acompanhando essa mudança em curso do léxico que, por sua vez, é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, através dos meios de comunicação. Além disso, o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, o colocando dentro de um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos.

A noção de agrupamento lexical, então, possibilita aos estudos pluridimensionais uma compreensão maior acerca dos fenômenos linguísticos, haja vista que “le concept de regroupement lexical répond ainsi à cette dynamique linguistique que d’autres chercheurs ont pu dégager dans le cadre d’une dialectologie pluridimensionnelle” (RAZKY e GUEDES, 2015, p. 161). A partir de agrupamentos de unidades lexicais, é possível entender não só o comportamento da variação lexical dentro dos espaços geossociolinguísticos, mas também perceber as possíveis motivações que estão em sua base, as quais podem ser consequência do fluxo migratório, da influência

estatal, da forma de povoamento, etc., como mostra o estudo de Guedes (2012).

## 2. Brincadeiras infantis e contexto social

A lexia *brincadeira* tem sua raiz no latim *vinculu* (“vínculo” ou “laço”) e passou ao português a partir de metaplasmos: *vinculu* → *vinclu* (dissimilação) → *vincru* (rotacismo) → *vrincu* (metátese) → *vrinco* (abaixamento) → *brinco* (degeneração). Dessa maneira, brincar está diretamente relacionado ao vínculo estabelecido por algo ou alguém. Segundo Winnicott (1988), é por meio da brincadeira que a criança desenvolve a capacidade de criação e dessa forma consegue distinguir o *eu* do *outro* para, em seguida, compreender que o vínculo da brincadeira se realiza com o *outro*. Brincar é, portanto, o meio pelo qual a criança adquire *know-how*, experiência e compreende-se no mundo.

A brincadeira possibilita que a criança entenda o mundo a seu redor e seu corpo se torna, antes do contato consciente com a produção capitalista de objetos infantis, seu primeiro brinquedo com o qual pode compreender o mundo no *eu* e no *outro*. Segundo Piaget (1971), a atividade lúdica emerge apenas como forma de exercício do aparelho motor, funcionando unicamente como forma de “conquista do corpo”, contudo sua realização exploratória cede à criança, por consequência, a autonomia sobre o próprio corpo, buscando, por meio dos movimentos, descobrir-se. Nesse contexto, a brincadeira *cambalhota* que é, segundo o Minidicionário Aurélio (2010), “sf. Movimento em que se gira o corpo sobre a cabeça e se volta à posição normal”, torna-se um dos mecanismos pelo qual a criança toma conhecimento do mundo físico e o experiência.

O estudo dessa brincadeira tem sido realizado em distintas perspectivas como, por exemplo, a do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e a do ALeSPA, que promovem a investigação de sua distribuição diatópica e diastrática no português brasileiro e paraense, respectivamente; a de Ribeiro (2012) que, juntamente com as demais questões do campo semântico jogos e diversões infantis, analisa o seu comportamento na área do falar baiano; e a de Coimbra (2016) que, ao estudar o campo semântico *festas e divertimentos*, analisou a variação do item *cambalhota* no território paraense. É desse modo que as unidades lexicais utilizadas para designar a brincadeira em estudo,

bem como suas delimitações geográficas e sociais, são documentadas, podendo permanecer concretamente na memória coletiva das comunidades linguísticas.

### 3. Metodologia

O tripé metodológico do ALeSPA apresenta: a) uma rede de pontos composta por 38 pontos de inquérito; b) um *corpus* formado por 152 informantes, residentes na zona rural do estado do Pará e estratificados em sexo (2 homens e 2 mulheres) e idade (2 informantes entre 18-30 anos e 2 informantes entre 40-70 anos), de escolaridade fundamental (todos escolarizados até a 4ª série); e c) um Questionário Semântico-lexical (QSL) de 256 perguntas, distribuídas em 14 campos semânticos<sup>1</sup>.

Para este estudo foram feitos os seguintes recortes:

- a) Quanto à rede pontos, foram consideradas apenas 18 localidades, cujas posições geográficas no estado do Pará podem representar suas respectivas mesorregiões, de acordo com o *Quadro 01* a seguir:

**Quadro 01:** Localidades investigadas

Mesorregião	Pontos
Baixo Amazonas	Oriximiná, Santarém, Faro
Marajó	Anajás, Breves
Metropolitana de Belém	Castanhal, Santa Izabel do Pará, Barcarena,
Nordeste Paraense	Abaetetuba, Bragança, Capanema, Vigia
Sudeste do Pará	Tucuruí, Curionópolis, São Felix do Xingu, Itupiranga
Sudoeste do Pará	Altamira, Itaituba

- b) No que diz respeito ao *corpus*, foi analisada a fala de 72 informantes, sendo 4 de cada localidade estudada, conforme metodologia do referido projeto.

c) No que concerne ao questionário, foi contemplada somente a questão 208 (*cambalhota*) do campo semântico *Festas e Divertimentos*, composto por 17 perguntas.

Em seguida, os dados foram triados nos arquivos de áudio do QSL. Com auxílio do programa computacional *Cool Edit Pro 2.0*, todas as respostas emitidas pelos informantes foram recortadas e, posteriormente, tabuladas. Tendo em vista a produtividade da variação fonética de *cambalhota*, as formas linguísticas foram agrupadas em *carambela*, *calambiota* e *pirueta*, conforme *Quadro 02*, a seguir:

**Quadro 02:** Delimitações fonéticas dos agrupamentos lexicais

Variante	Formas agrupadas	Distinção fonética
[karã'beɫɐ]	[karã'beɫɐ]	_____
	[kalã'beɫɐ]	Rotacismo: /r/ → /l/
	[karã'meɫɐ]	Aproximação articulatória de /b/ e /m/.
	[karã'bɔɫɐ]	Arredondamento: /ɛ/ → /ɔ/
[kalãbi'ɔtɐ]	[kalãbi'ɔtɐ]	_____
	[kaɫã'bɔtɐ]	Palatalização: /l/ → /ɫ/ Apagamento: [kaɫã'bɔɔtɐ]
	[kaɫãbi'ɔtɐ]	Palatalização: /l/ → /ɫ/
	[karã'bɔtɐ]	Rotacismo: /l/ → /r/ Apagamento: [karã'bɔɔtɐ]
	[kalã'bɔtɐ]	Apagamento: [kalã'bɔɔtɐ]
[piru'etɐ]	[piru'etɐ]	_____
	[piru'letɐ]	Epêntese consonantal de /l/

A distinção fonética entre um determinado grupo de variantes demonstra, como evidencia o *Quadro 02*, semelhanças entre si e com a variante na qual foram agrupadas. Logo, [kaɫã'bɔtɐ] não poderia, por exemplo, agrupar-se às formas de variável [karã'beɫɐ] por se afastar mais dessa variante do que de [kalãbi'ɔtɐ], a qual foi agrupada. Ao final dessa organização fonética, por fim, foram elaboradas uma carta diatópica e

duas de agrupamento lexical, com o com o auxílio do programa computacional *Adobe Photoshop CS6*.

#### 4. Apresentação e análise dos dados

O estudo da variação de *cambalhota* em 18 municípios paraenses apresenta 14 variantes de natureza distinta: *carambela*, *caramela*, *carambola*, *calambiota*, *calambota*, *carambota*, *calhambota*, *calhambiota*, *cambalhota*, *pirueta*, *piruleta*, *salto* e *salto mortal*. Contudo, as variantes de natureza fonética foram agrupadas, de modo que se chegou a um total de 5 variantes lexicais para *cambalhota*: *carambela*, *calambiota*, *cambalhota*, *pirueta* e *salto*. A abrangência desses dados nos direciona a uma análise tridimensional: dimensão diatópica, dimensão diastrática e formação de agrupamento lexical.

##### 4.1. Dimensão diatópica

A análise da dimensão diatópica subdivide-se em municipal, na qual será observado o comportamento de *cambalhota* nos 18 municípios paraenses considerados neste estudo, e a mesorregional, na qual, dentro da diatopia local, será observada a configuração da variação de *cambalhota* nas seis mesorregiões (Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudeste do Pará e Sudoeste do Pará) que configuram o estado do Pará.



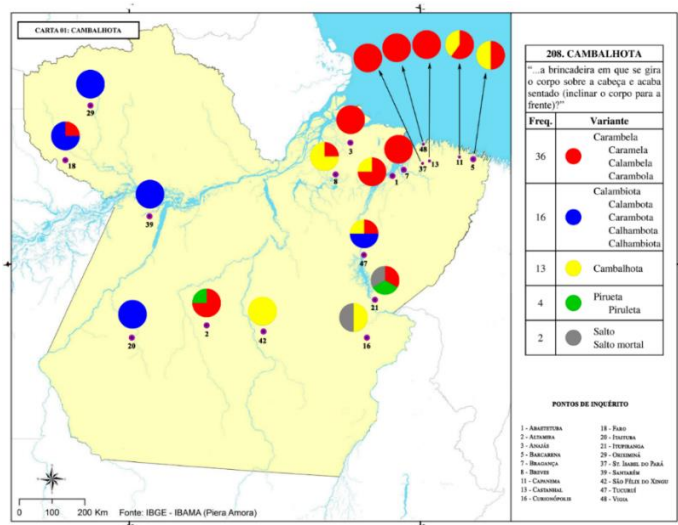


Imagem 01 – Carta 01: Cambalhota

A Imagem 01 mostra que *carambela* (23,9%) caracteriza o português falado no estado do Pará, seguida por *cambalhota* (18,3%) e *calambela* (18,3%), e que, destinando o foco de análise para os municípios, existem três realizações categóricas: a de *carambela* em Anajás, Bragança, Castanhal, Santa Isabel do Pará e Vigia; a de *calambiota* em Itaituba, Oriximiná e Santarém; e a de *cambalhota* em São Félix do Xingu. Quanto à *pirueta* e ao *salto*, não apresentam um comportamento semelhante, mas se destacam, respectivamente, em Itupiranga e Curianópolis. Ao observamos o comportamento de 50% das variantes de *cambalhota* que obtiveram maior frequência (*cambalhota*, *calambela*, *carambela*, *carambola*, *calhambota*, *calambiota* e *calambota*), outras particularidades se sobressaem nessa dimensão.

Tabela 01: Municípios (Localidade)

Legenda: O = Ocorrência T = Total														
	Cambalhota		Calambela		Carambela		Carambola		Calhambota		Calambiota		Calambota	
Localidade	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%

Abaetetuba	1/4	25	0/4	0	3/4	75	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Altamira	0/4	0	0/4	0	0/4	0	3/4	75	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Anajás	0/4	0	0/4	0	4/4	100	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Barcarena	2/4	50	1/4	25	1/4	25	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Bragança	0/3	0	2/3	66,6	1/3	33,3	0/3	0	0/3	0	0/3	0	0/3	0
Breves	3/4	75	1/4	25	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Capanema	2/5	40	1/5	20	2/5	40	0/5	0	0/5	0	0/5	0	0/5	0
Castanhal	0/4	0	4/4	100	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Curionópolis	1/2	50	0/2	0	0/2	0	0/2	0	0/2	0	0/2	0	0/2	0
Faro	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	2/4	50
Itaituba	0/3	0	0/3	0	0/3	0	0/3	0	0/3	0	2/3	66,6	0/3	0
Itupiranga	0/6	0	1/6	16,6	0/6	0	1/6	16,6	0/6	0	0/6	0	0/6	0
Oriximiná	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	4/4	100	0/4	0
Santarém	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	3/4	75	0/4	0	1/4	25
São Félix do Xingu	4/4	100	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
St. Isabel do Pará	0/4	0	2/4	50	2/4	50	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
Tucuruí	1/4	25	0/4	0	1/4	25	0/4	0	0/4	0	0/4	0	1/4	25
Vigia	0/4	0	1/4	25	3/4	75	0/4	0	0/4	0	0/4	0	0/4	0
<b>Total</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>17/71</b>	<b>23,9</b>	<b>5/71</b>	<b>7</b>	<b>3/71</b>	<b>4,5</b>	<b>6/71</b>	<b>8,4</b>	<b>4/71</b>	<b>5,4</b>

A *Tabela 01* mostra que, dentre os 18 municípios paraenses, destacam-se Oriximiná, Anajás, Castanhal e São Félix do Xingu pela ocorrência categórica de *cambalhota*, *calambela*, *carambela* e *calambiota*, respectivamente. Os municípios de Breves, Santarém e Altamira apresentam, nessa ordem, 75% das ocorrências de *cambalhota*, *calambota* e *carambola*, enquanto Abaetetuba e Vigia possuem 75% das ocorrências de *carambela*. Em mesorregiões distintas, Faro, Bragança e Itaituba apresentam, respectivamente,  $\geq 50\%$  e  $< 75\%$  das ocorrências de *calambota*, *calambela* e *calambiota*, enquanto Barcarena e Curionópolis apresentam 50% de ocorrências de *cambalhota*, cada uma. Ao passo que Santa Isabel do Pará e Tucuruí se destacam pela distribuição homogênea das variantes, ocorrendo *calambela* (50%) e *carambela* (50%) em Santa Isabel do Pará; e *cambalhota* (25%), *carambela* (25%), *calambota* (25%) e *carambola*<sup>2</sup> (25%) em Tucuruí. As variantes *cambalhota* e *carambela* foram as

que obtiveram maior frequência (40% cada uma) em Capanema e, em Itupiranga, a variante que incidiu majoritariamente, com 33,3%, foi *pirueta*<sup>3</sup>.

Quanto à análise mesorregional, os dados apontam para a predominância de *carambela* nas mesorregiões Marajó, Nordeste Paraense e Metropolitana de Belém, enquanto a ocorrência de *calambiota* concentra-se no Baixo Amazonas e no Sudoeste do Pará. A incidência de *cambalhota* retém-se no Sudoeste do Pará e no Marajó. Além disso, outras particularidades podem ser observadas nessa dimensão.

**Tabela 02:** Mesorregiões (Localidade)

Legenda: O = Ocorrência T = Total														
Localidade	Cambalhota		Calambela		Carambela		Carambola		Calhambota		Calambiota		Calambota	
	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%
Baixo Amazonas	0/12	0	0/12	0	0/12	0	0/12	0	3/12	25	4/12	33,3	3/12	25
Marajó	3/8	37,5	1/8	12,5	4/8	50	0/8	0	0/8	0	0/8	0	0/8	0
Metropolitana de Belém	2/12	16,6	7/12	58,3	3/12	25	0/12	0	0/12	0	0/12	0	0/12	0
Nordeste Paraense	3/16	18,7	4/16	25	9/16	56,2	0/16	0	0/16	0	0/16	0	0/16	0
Sudeste do Pará	5/16	31,2	1/16	6,25	1/16	6,25	2/16	12,5	0/16	0	0/16	0	1/16	6,25
Sudoeste do Pará	0/7	0	0/7	0	0/7	0	3/7	42,8	0/7	0	2/7	28,5	0/7	0
<b>Total</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>17/71</b>	<b>23,9</b>	<b>5/71</b>	<b>7</b>	<b>3/71</b>	<b>4,5</b>	<b>6/71</b>	<b>8,4</b>	<b>4/71</b>	<b>5,4</b>

A *Tabela 02* mostra que a maior concentração de *carambela* está nas mesorregiões Nordeste Paraense (56,2%), Marajó (50%) e Metropolitana de Belém (25%). As mesorregiões do Baixo Amazonas e Sudoeste do Pará não apresentaram ocorrência dessa variante. Em relação a essas duas últimas, *calambiota* apresenta maior frequência no Baixo Amazonas (33,3%), ao passo que *carambola* é a variante que mais ocorre no Sudoeste do Pará (42,8%). Assim, podemos dizer que a variante *calambiota* é característica do falar do Baixo Amazonas, enquanto *carambola* é a variante característica do falar do Sudoeste do Pará.

Além disso, duas variantes que se destacaram na dimensão mesorregional foram *cambalhota* e *calambela*, apresentando, respectivamente, 37,5% e 12,5% no Marajó, 16,6% e 58,3% na Metropolitana de Belém, 31,2% e 6,25% no Sudeste do Pará, e 18,7% e 25% no Nordeste Paraense. Assim como *carambela*, *cambalhota* e *calambela* não apresentaram ocorrências no Baixo Amazonas e Sudoeste do Pará.

#### 4.2. Dimensão diastrática

A análise da dimensão diastrática contempla, neste estudo, os fatores sociais *sexo* e *idade*, tendo em vista, como já explicado, que o ALeSPA não controla a escolaridade, ou seja, todos os informantes possuem a 4ª série do ensino fundamental.

Dessa maneira, quanto ao sexo, a distribuição das variantes registradas entre homens e mulheres deu-se desta maneira:

**Tabela 03: Sexo**

Legenda: O = Ocorrência T = Total														
Sexo	Cambalhota		Calambela		Carambela		Carambola		Calhambota		Calambiota		Calambota	
	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%
Masculino	8/35	22,8	5/35	14,2	7/35	20	3/35	8,57	2/35	5,71	3/35	8,57	1/35	2,85
Feminino	5/36	13,8	8/36	22,2	10/36	27,7	2/36	5,55	1/36	2,77	3/36	8,33	3/36	8,33
<b>Total</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>13/71</b>	<b>18,3</b>	<b>17/71</b>	<b>23,9</b>	<b>5/71</b>	<b>7</b>	<b>3/71</b>	<b>4,5</b>	<b>6/71</b>	<b>8,4</b>	<b>4/71</b>	<b>5,4</b>

A *Tabela 03* mostra que *carambela* ocorre com a frequência de 20% na fala de informantes do sexo masculino e 27,7% na fala de informantes do sexo feminino. Além disso, podemos observar que, dentre as variantes com maior frequência, *cambalhota* (22,8%), *carambola* (8,57%), *calhambota* (5,71%) e *calambiota* (8,57%) predominam entre os homens, enquanto *calambela* (22,2%) e *calambota* (8,33%) prevalecem entre as mulheres.

Com relação à idade, em que se controla duas faixas, os resultados são os seguintes:

**Tabela 04:** Faixa etária

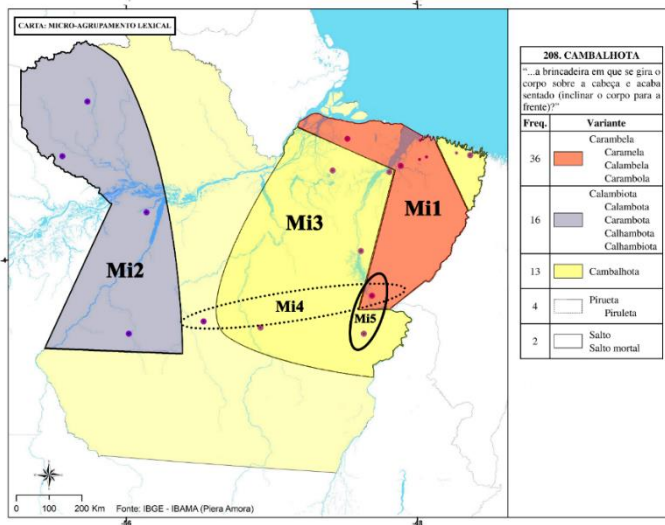
Legenda: O = Ocorrência T = Total														
Faixa Etária	Cambalhota		Calambela		Carambela		Carambola		Calhambota		Calambiota		Calambota	
	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%	O/T	%
1ª	8/38	21	9/38	23,5	7/38	18,4	3/38	7,89	2/38	5,26	3/38	7,89	0/38	0
2ª	5/33	15,1	4/33	12,1	10/33	30,3	2/33	6,06	1/33	3,03	3/33	9,09	4/33	12,1
Total	13/71	18,3	13/71	18,3	17/71	23,9	5/71	7	3/71	4,5	6/71	8,4	4/71	5,4

A *Tabela 04* mostra um resultado significativo para o uso de *carambela*, uma vez que essa variante apresenta 30,3% dos usos na 2ª faixa e 18,4% na 1ª. Outro ponto que se destaca quanto a este fator social é a ocorrência de *calambiota* de forma categórica na 2ª faixa etária, com frequência de 12,1%. Além disso, evidencia-se a predominância do uso de *cambalhota* (21%), *calambela* (23,5%), *carambola* (7,89%), *calhambota* (5,26%) entre informantes da 1ª faixa etária, ao passo que na 2ª faixa etária, o uso predominante é de *calambiota*, com 9,09%.

### 4.3. Agrupamento lexical

O estudo da variação lexical em diversos municípios do estado do Pará no âmbito do ALeSPA tem possibilitado uma nova perspectiva de análise da distribuição da variação linguística no espaço geográfico, a qual, ao pensar a variação a nível de contínuo dialetal, vem se configurando pela percepção de agrupamentos lexicais, que podem ter configurações micro ou macro. Nesse sentido, a

distribuição diatópica de *cambalhota*, apresentada na *Imagem 01*, ajusta um contínuo lexical de 5 agrupamentos do tipo micro que, ao serem observados sob um ponto de vista mais amplo, no que tange às variantes registradas, redefinem tal contínuo por meio de macroagrupamentos lexicais, conforme, respectivamente, *Imagem 02* e *Imagem 03*.



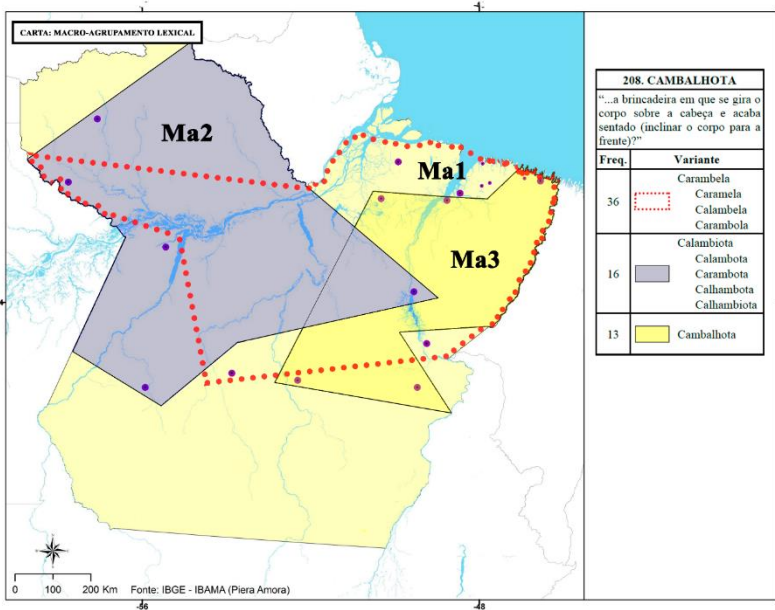
**Imagem 02** – Carta: Microagrupamento lexical

A *Imagem 02* mostra que o agrupamento *Mi1*, referente à variante *carambela*, concentra-se nas mesorregiões do Nordeste Paraense, Metropolitana de Belém, nordeste do Marajó e norte do Sudeste do Pará. O agrupamento *Mi2*, concernente à variante *calambiota*, abrange as mesorregiões do Baixo Amazonas e Sudoeste do Pará. O agrupamento *Mi3*, referente à *cambalhota*, compreende o sul do Marajó, o Sudeste do Pará e o extremo nordeste do Nordeste Paraense. O agrupamento *Mi4*, que engloba a variante *pirueta*, envolve parte do Sudeste do Pará e Sudoeste do Pará, assim como o agrupamento *Mi5*, concernente à variante *salto*, que se manteve ao Sudeste do Pará. Além disso, notamos que o agrupamento *Mi5* se destaca por encontrar-se inserido em dois microagrupamentos (*Mi1* e *Mi3*), bem

como o agrupamento *Mi4* que compartilha do mesmo espaço geográfico que o agrupamento *Mi1*. Tanto *Mi4* quanto *Mi5* compartilham do mesmo espaço para formar seus microagrupamentos, embora englobem variantes distintas.

Nota-se, a partir da elaboração dos microagrupamentos, que no agrupamento *Mi3* há a presença da variante *carambela* do agrupamento *Mi2*, entretanto *Mi3* se distingue pela alta frequência da variante *cambalhota*, formando, com outros sete pontos geograficamente próximos, um microagrupamento. Essa distribuição de microconfigurações corrobora com a ideia de que há, no estado do Pará, “certains continuum dialectaux plus complexes [...] et l’absence de frontières homogènes en fonction de l’utilisation d’un échantillonnage pluridimensionnel” (RAZKY e GUEDES, 2015, p. 156).

Já a *Imagem 03* mostra que os contornos dialetais arranjam os 5 microagrupamentos registrados na *Imagem 02* de modo a delimitarem 3 macroagrupamentos lexicais, os quais se validam pelo fato de “les réponses des informateurs montrent une dynamique lexicale plus complexe [...], car chacun peut se comporter de façon différente en fonction du degré de son enracinement culturel et/ou ethnique et du degré de diffusion lexicale du point de vue horizontal e/ou vertical” (RAZKY e GUEDES, 2015, p. 157).



**Imagem 03** – Carta: Macroagrupamento lexical

A *Imagem 03* mostra que no território paraense há três macroespaços nos quais as variantes de *cambalhota* se distribuem: o agrupamento *Ma1*, concernente à variante *carambela*, abrange um macroespaço que agrupa as mesorregiões mais próximas da capital (Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, nordeste do Marajó e norte do Sudeste do Pará) e a mesorregião do Baixo Amazonas, ao passo que o agrupamento *Ma2*, referente à variante *calambiota*, localiza-se tanto a oeste do estado, englobando o Sudoeste do Pará e o Baixo Amazonas, quanto a leste, abrangendo o sul do Marajó, o Nordeste Paraense e norte do Sudeste do Pará. O agrupamento *Ma3*, referente à variante *cambalhota*, envolve as mesorregiões do Sudeste do Pará, Nordeste Paraense e sul do Marajó.

Essa macroconfiguração do território paraense revela a inexistência de barreiras dialetais homogêneas, pois, como se nota na *Imagem 03*, o agrupamento *Ma1* abrange tanto *Ma2* quanto *Ma3*, havendo, ao centro do estado, uma interseção dialetal oriunda de três macroespaços traçados num contínuo lexical.



## Conclusão

A análise detalhada de *cambalhota* em 18 municípios do estado do Pará, representantes de suas seis mesorregiões, mostrou que o fator diatópico é determinante quanto ao uso das variantes lexicais documentadas para *cambalhota*, tanto na dimensão municipal quanto na mesorregional. Já os fatores sociais mostraram-se poucos significativos, mas sinalizaram tendências de escolha em ambas as variáveis controladas (sexo e idade). Quanto à formação de agrupamento lexical, verificamos que a organização fonética foi primordial para a perspectiva de análise proposta, visto que, uma vez agrupadas, as formas concentraram-se em regiões específicas do território paraense, permitindo a delimitação dos micro e macroagrupamentos lexicais delimitados neste estudo.

Acreditamos, no entanto, que a delimitação de uma dimensão municipal e mesorregional e suas respectivas análises quantitativas não foram suficientes para a compreensão do fenômeno geolinguístico que esses agrupamentos lexicais, e também os fonéticos, evidenciam, mas a produção das cartas linguísticas apresentadas neste estudo revelam a diversidade fonético-lexical de *cambalhota* no português paraense, cuja riqueza de formas apresentou comportamento homogêneo e não homogêneo, reunindo, no primeiro caso, as variantes em microespaços e, no segundo caso, em macroespaços linguísticos, o que valida a noção de agrupamento lexical. Uma maior compreensão da paisagem linguística de *cambalhota* no espaço territorial paraense abrange investigações de outras naturezas que o espaço deste artigo não nos permite explorar.

## Referências bibliográficas

ATLAS LINGÜÍSTICO DO ESTADO DO PARÁ (1997). *Questionário piloto de base semântico-lexical*.

BORGES, Luciane Chedid Melo (2011). *Os termos da meliponicultura: uma abordagem socioterminológica*. Dissertação. Mestrado em Linguística. Belém: Universidade Federal do Pará.

CARDOSO, Suzana Alice (2010). *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial.

\_\_\_\_ et al (2014). *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, v. 2.

- COIMBRA, Diego (2016). “Cartografia do campo semântico *Festas e Divertimentos* do Atlas Geossociolinguístico do Pará”. Relatório de Iniciação Científica. Belém: Universidade Federal do Pará.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2010). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8.<sup>a</sup> ed. Curitiba: Positivo.
- GUEDES, Regis José da Cunha (2012). “Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará”. Dissertação. Mestrado em Linguística. Belém: Universidade Federal do Pará.
- PIAGET, J. (1971). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Zanhar.
- RAZKY, Abdelhak (org.) (2004). “Atlas linguístico sonoro do Pará”. Belém: PA/CAPES/UTM.
- \_\_\_\_ (2013). “A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil”. In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez.
- \_\_\_\_ (2010). “Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará”. In: *Dans Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41, Salvador, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, UFBA.
- \_\_\_\_; GUEDES, Regis (2015). “Le continuum des regroupements lexicaux dans l’Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)”. In: CONTINI Michel e LAI Jean-Pierre. *La géographie linguistique au Brésil*. Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, p.149-162.
- \_\_\_\_; SANCHES, Romário Duarte (2016). “Variação geossocial do item lexical *riacho/córrego* nas capitais brasileiras”. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 70-89, 1. sem.
- THUN, Harald (2000). “La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle”. In: *Congres International de Linguistique et de Philologie Romanes*, 22., 1998, Bruxelles. ACTES. Tübingen: Niemeyer, 2000.
- WINNICOTT, D.W (1988). *Human Nature*. Londres: Winnicott Trust.

**Palavras-chave:** geossociolinguística, variação linguística, agrupamento lexical.

**Keywords:** geossociolinguistic, linguistic variation, lexical grouping.

## Notas

---

\* Graduando em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

\*\* Doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup> Natureza e acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Flora; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Cultura e convívio; Ciclos da vida; Religiões e crenças; Festas e divertimentos; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário.

<sup>2</sup> Essa variante apresentou apenas 1,4% da frequência total (1 ocorrência), ocorrendo somente em Tucuruí, ficando, dessa forma, abaixo das 7 variantes de *cambalhota* que apresentaram maior frequência.

<sup>3</sup> Essa variante apresentou apenas 4,2% da frequência total (3 ocorrências), sendo 1 ocorrência em Curianópolis e 2 em Itupiranga, ficando, dessa forma, abaixo das 7 variantes de *cambalhota* que apresentaram maior frequência.